MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

ANAIS
DO
MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

VOL. IX

1948



1958

O ILUMINISMO BÁVARO NO BRASIL

GUSTAVO BARROSO
(Da Academia Brasileira de Letras — Diretor do Museu Histórico)

O criador do chamado Iluminismo na Baviera em fins do século XVIII foi o Professor João Adão Weishaupt, que introduziu os princípios dessa seita filosófica-cabalista nas sociedades secretas de estudantes existentes nas universidades do sul da Alemanha, a começar pela de Ingolstadt, onde lecionava. Em 1777, completou a organização oculta que tinha em vista sob férrea disciplina e o comando duma Junta Secreta, dividindo-a em três círculos: o dos Noviços, o dos Minervais e o dos Areopagitas. Seu símbolo era o môcho, a coruja de Atenas. Auxiliou-o nessa tarefa o mação Knigge, que acabou derrubando-o e exercendo sòzinho o poder. Em 1786, ao atravessar uma praça dum subúrbio de Ratisbona, durante forte tempestade, o padre apóstata Lanz, agente de ligação dos Iluminados, foi fulminado por um raio. Nos bolsos do cadáver, a polícia encontrou todos os planos dum grande movimento subversivo preparado na sombra e prestes a ser desencadeado com inaudita ferocidade. Então, o Govêrno bávaro prendeu os chefes, dissolveu os grupos e apoderou-se dos arquivos da agremiação. Weishaupt, que usava o nome de guerra de Espartaco, refugiou-se na côrte de Gotha sob a proteção do tolerante Duque Ernesto Luís. Todavia, de acôrdo com a documentação de N. H. Webster em "*Secret societies and subversive movements*", o Iluminismo não foi destruído e conservou-se bem disfarçado, informando tôdas as sociedades secretas de estudantes que brotaram e se desenvolveram nas escolas superiores alemãs de fins do século XVIII



Carlos Luis Sand suicidando-se após ter morto Kotzebue

a princípios do XIX, sobretudo quando o país foi saindo do choque das invasões napoleônicas: Amictistas, Constantistas, Unitistas, Harmonistas e Concordistas; Cavaleiros de S. João de Jerusalém, Cavaleiros do Arcabus e Cavaleiros do Punhal; Irmãos Negros, Legião Negra de Lutzow e Legião da Caveira, Tugendbund e Tugendverein, Liga da Virtude e União da Virtude; finalmente, Landsmannchaft ou Sociedade de Camponeses, Brüderschaft ou Sociedade de Irmãos e Burschenchaft ou Sociedade de Companheiros.

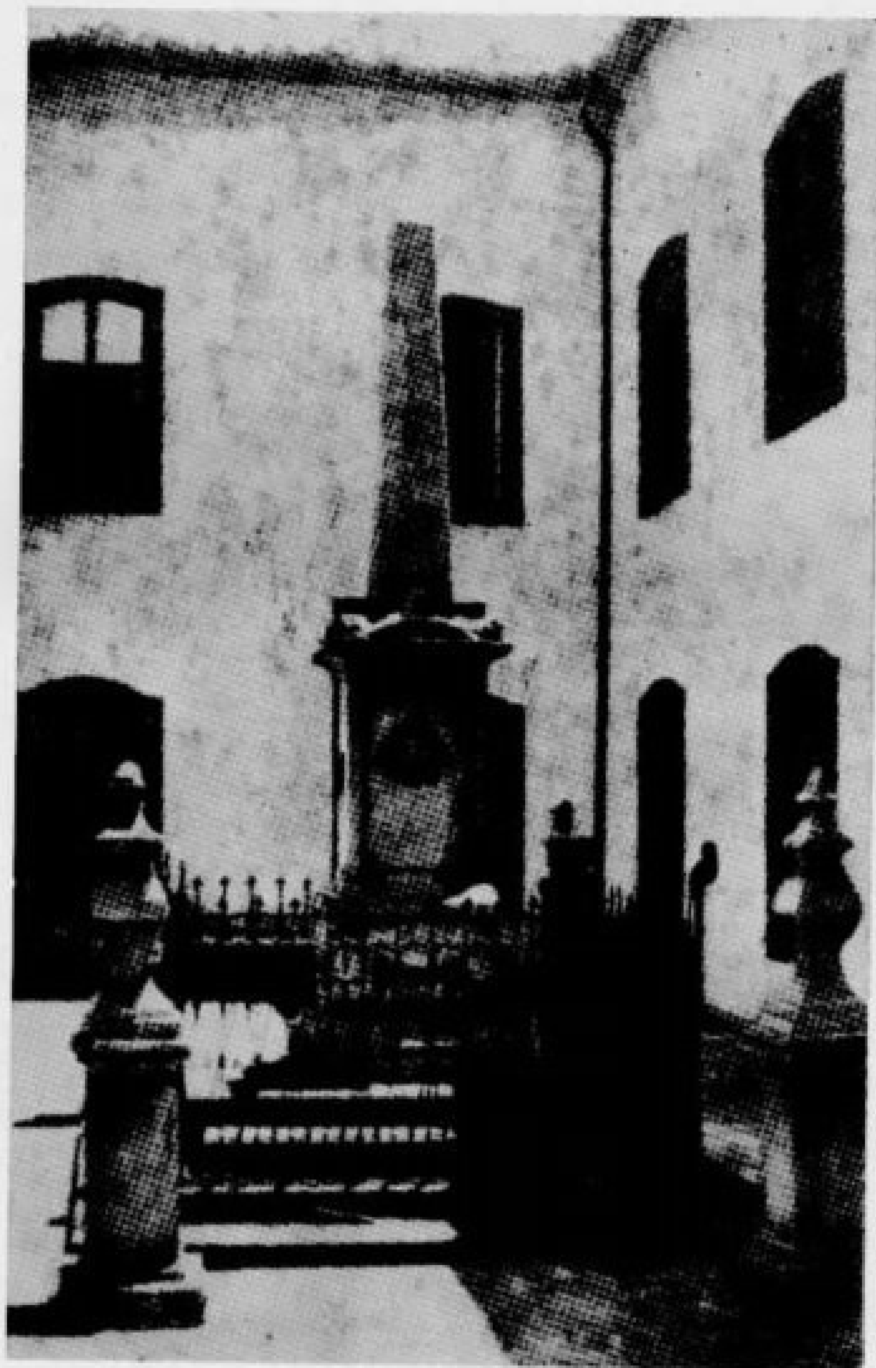
Sabe-se, através de vários depoimentos esparsos, que o Iluminismo foi transplantado para o Brasil e semeado de início na Faculdade de Direito de S. Paulo, logo após a sua criação em 1827, sob o nome de Burschenchaft, que os estudantes e em seguida o povo nacionalizariam e encurtariam na palavra Bucha. Segundo Odilon Nestor, floresceu na Faculdade de Direito de Olinda como Tugendbund. Chamou-se nas Escolas Politécnicas Landsmannchaft. Influiu com o rótulo de Patriarcas Invisíveis na Cabanagem do Pará e na Revolução Liberal de 1841-1842. À ação dessa fôrça chamava Martim Francisco na Câmara dos Deputados, em 1837, num discurso contra o Senador José Martiniano de Alencar, padre, filho de padre e um dos Invisíveis, o Véu do Mistério e a Religião do Segrêdo.

Como e por quem foi trazido o Iluminismo bávaro para o nosso país? A resposta a essa pergunta constitui uma página tão imprevista e misteriosa que mais pareceria de romance de aventuras do que de história verdadeira, se, em face dos elementos de prova e da dedução lógica a que levam, pudesse subsistir a menor dúvida quanto aos fatos e personagens que nela se incluem.

Nas primeiras décadas do século XIX, Alexandre I, Czar de Tôdas as Rússias, abriu luta contra as sociedades secretas que acendiam pela Europa os fachos das revoluções. Um de seus grandes auxiliares nessa cruzada era o escritor Augusto de Kotzebue, alemão de nascimento, Cônsul Geral do Império Moscovita em Koenigsberg. Fundador da famosa "Semana



Retrato de Júlio Frank na Academia de Direito de S. Paulo



Túmulo de Júlio Frank na Faculdade de Direito
de S. Paulo

Literária", nela, veementemente, atacava as idéias avançadas e os homens de letras que as propugnavam, sobretudo os venenos espirituais inoculados nos estudantes pelas confrarias secretas das universidades. Essa campanha desencadeou contra a sua pessoa tamanha vaga de ódio que Goethe lhe profetizou a morte. Condenado pelo Iluminismo, Kotzebue mudou-se de Koenigsberg para Weimar e dali para Mannheim, onde foi assassinado a punhal no dia 10 de maio de 1819 por um jovem estudante Carlos Luís Sand, natural de Wunsiedel na Francônia, em alemão Frank-Wald, sorteado pela Burschenchaft para êsse fim. Depois de cometer o crime, tentou o suicídio, escapando, porém, aos leves ferimentos que em si próprio fêz.

Prêso em flagrante, foi julgado a portas fechadas em Mannheim no dia 10 de novembro de 1819, em verdadeira atmosfera de terror criada pelas sociedades secretas. No entanto, condenaram-no os juízes à morte, adiando-se a execução, o que motivou enérgicos protestos e por fim um verdadeiro ultimato do Imperador da Rússia. Os trabalhos de sapa em favor do réu continuavam cada vez mais intensos, de forma que se resolveu fingir uma execução, a fim de contentar Alexandre I. Anunciada para as nove horas da manhã de 20 de maio de 1821, num campo às portas da cidade, quando o povo ali chegou para assisti-la, teve a notícia de que fôra feita às seis em ponto e sòmente encontrou algumas ervas tintas de sangue. A estudantada pôs luto e o entêrro realizou-se.

Ora, em 14 de julho de 1821, segundo papéis do nosso Arquivo Nacional, desembarcava, no Rio de Janeiro um jovem passageiro clandestino, vindo num barco do pôrto de Hamburgo com o nome de Júlio Frank, *figura cheia de mistério* na opinião de Spencer Vampré. Depois de estar algum tempo prêso, foi pôsto em liberdade e empregou-se numa estalagem. A 13 de novembro de 1823, chegava à Guanabara a fragata russa "Entreprise", destinada a explorar os mares austrais, sob o comando de Oto de Kotzebue, filho do escritor assassinado em Mannheim, que demorou 25 dias na cidade, hospedado em Bo-

14 de Ju[illegible]

Julio Frank Alemão [illegible]

[illegible] id.e de 22 annos [illegible]

[illegible] cabellos louros

[illegible] olhos [illegible] S. Paulo

[illegible]

Registro existente no Arquivo Nacional da chegada de Júlio Frank ao Rio de Janeiro
em 14 de julho de 1821.

tafogo. Como assombrado por essa presença, Júlio Frank afundou-se no interior, chegando na maior miséria a Sorocaba, onde se fêz caixeiro duma venda e mais tarde obteve a proteção do Senador Vergueiro e do Brigadeiro Rafael Tobias. Nomeado Professor de História do Curso Anexo da Faculdade de Direito, sem nenhuma prova de alto saber ou de preclaras virtudes, antes sendo beberrão inveterado e praticante de magia negra, ali se tornou líder tão prestigioso da mocidade, que, ao morrer, em 1841, o sepultaram no pátio do velho edifício escolar, num túmulo simbólico, rodeado pelas corujas minervais, honra jamais concedida aos grandes luminares das letras jurídicas nacionais que passaram sob aquelas famosas arcadas.

Até aqui estamos diante sòmente de fatos expostos com a mais resumida clareza. Passemos agora às revelações espantosas sôbre êles.

No capítulo "Os Mortos" do raro e interessante livro "Dedo nos lábios", do escritor paulista Afonso Schmidt, lê-se à página 165, a propósito de Jorge Antônio Schaeffer: "Em 1815, meteu-se (*Schaeffer*) numa aventura nas ilhas Sandwich, a serviço do Czar de Tôdas as Rússias..... Conta-se, também, que tomou parte na expedição Kotzebue ao Rio de Janeiro. Êsse Kotzebue, que comandava um navio de guerra alemão (*sic*), era filho do escritor do mesmo nome, representante alemão na Rússia, e que, um dia, voltando ao seu país, fôra assassinado pelo estudante de nome Karl Zand (*sic*), por ordem de uma sociedade secreta. O assassino foi julgado e condenado à morte. Mas, naquele tempo, estava em moda simular fuzilamentos (*sic*) e mandar os justiçados para o fim do mundo, onde, com outro nome, pudessem começar vida nova. Aqui entra a lenda... Zand veio para o Brasil e encarnou-se no professor Júlio Frank, figura excepcional, cujos restos mortais repousam num túmulo ainda hoje existente no coração da Academia de Direito de São Paulo. Segundo parece, o filho de Kotzebue soube da farsa e veio ao Brasil, comandando um navio de guerra, à procura do assassino de seu pai......"

A revelação é notável, apesar dos pequenos cochilos nela contidos como fazer Augusto de Kotzebue representante alemão na Rússia, quando o contrário é que é verdade; dar a Oto de Kotzebue o comando dum navio de guerra alemão, quando êle realizou em uma fragata russa um dos mais admiráveis cruzeiros científicos da história marítima; dar ao estudante assassino o nome Zand ao invés de Sand e fuzilá-lo, quando deveria ter sido decapitado, de acôrdo com as leis criminais de Baden. Se tivesse lido o resumo do processo de Sand em Maurice Soulié e H. Mueller, *"Les procés célebres de l'Allemagne"*, teria evitado algumas dessas pequeninas cincadas. Quanto à viagem de Oto de Kotzebue, bastar-lhe-ia passar a vista pela sua própria obra em alemão e francês — *"Neue Reise um die Welt in den Jahren 1823-1826"* — *"Nouveau Voyage autour du monde pendant les années 1823-1826"*, — publicada em 1830 em S. Petersburgo, da qual a nossa Biblioteca Nacional possui um exemplar. É quase certo que Oto de Kotzebue não sabia e nem podia imaginar mesmo a presença do matador de seu pai no Rio de Janeiro, onde foi retido pela calmaria, depois de arribar em vista de necessidades decorrentes de sua longa navegação. Júlio Frank é que, naturalmente, evitou a casualidade dum encontro ou temeu soubesse o futuro almirante russo alguma coisa a seu respeito.

Que os apelidos de Júlio Frank não eram os verdadeiros da misteriosa criatura sepultada no pátio da Faculdade de São Paulo, é ponto pacífico. Já o dizia em 1867, Johann Jacob von Tschudi em *"Raisen durch Südamerika"*, a propósito do túmulo inexplicável — *obelisken-förmigen*, sob o qual jazia o alemão sob os *psedonymen-Namen* de Julius Frank. Felicio dos Santos nos seus "Casos reais a registar", afirma: "... a maçonaria acadêmica de S. Paulo, a misteriosa *bushhafft* (*sic*), fundada pelo professor de História, Dr. Frank, jacobino alemão emigrado para o Brasil depois do célebre assassinato de Kotzebue pelo estudante Karl Sand em 1819."

A Bucha criou no Brasil, no decurso do tempo, os seus afiliados, *homens do rito*, como lhes chamou Rui Barbosa em

discurso célebre, os quais foram, mediante proteção mútua, criando uma rêde de influências e ocupando os postos-chaves de tôdas as atividades sociais, especialmente na política. Assim conseguiu o domínio absoluto do Brasil republicano até 1930. Após essa data, o panorama mudou, outras fôrças se apresentaram em campo e ficou abalado e limitado o poderio da velha confraria iluminista.

Eis o pálido resumo da origem do Iluminismo na Baviera e da sua chegada ao Brasil. É um dos mais interessantes e profundos segredos da nossa História.